

**DA ORALIDADE À ESCRITA DA HISTÓRIA ORGANIZACIONAL:  
DESAFIOS TEXTUAIS E CONTEXTUAIS NA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB**

*FROM ORALITY TO THE ORGANIZATIONAL HISTORY WRITING:  
TEXTUAL AND CONTEXTUAL CHALLENGES IN CATHOLIC  
UNIVERSITY OF BRASILIA – UCB*

*Maria Carmem Côrtes Magalhães<sup>1</sup>*

*Sheila da Costa Oliveira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este estudo de caso aborda a escrita da história organizacional sob a vertente da oralidade (Febvre, Thompson, Heyneman e Rémond), abordagem especialmente importante a partir da concepção das organizações como organismos vivos, com uma história própria que ultrapassa o conjunto das histórias individuais e também digna de registro. Essa visão referenda o uso da história oral num movimento presente-passado, antes que os sujeitos e fatos se desloquem de seus observadores. As perguntas-problema são: Dada a tendência de que a história organizacional se torne cada vez mais escrita, o uso da oralidade nesse contexto é pertinente? Que desafios textuais e contextuais isso significa? Para responder a isso, observou-se o Projeto Memória e História da Universidade Católica de Brasília – UCB. O estudo identificou dificuldades e desafios inerentes ao manejo das entrevistas orais e sua transformação em fonte histórica e pode servir de referência a outras equipes de Memória e História Organizacional.

**Palavras-chave:** Memória e História Organizacional. História Oral. Universidade Católica de Brasília.

---

<sup>1</sup> Mestre em História Política do Brasil pela Universidade de Brasília. Professora da Universidade Católica de Brasília, desde 1992, ministrando aulas de História do Brasil e Geral nos cursos: Filosofia Pedagogia Administração, Contabilidade, Pedagogia; ministrando Disciplinas de Metodologia Científica, Ciência da Religião, Antropologia da Religião, Ética, História, Cultura. Trabalho de pesquisa sobre a Memória e História da UCB. Coordenadora do Setor Memória e História UCB. Coautora de quatro livros publicados sobre a História da UBEC/UCB.

<sup>2</sup> Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Brasília. Doutora em teleinformática e Educação a distância pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora e pesquisadora da Universidade Católica de Brasília, ministrando atualmente as disciplinas de Sociologia Geral, Comportamento do Consumidor, Metodologia de Pesquisa em Comunicação. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Memória e História da UCB: experiências e narrativas históricas. Co-autora de seis volumes de identidade, memória e história organizacional.

**Abstract:** This study case discusses the writing of organizational history aspect by the orality (Febvre, Thompson, Heyneman and Remond), approach especially important from the design of organizations as living organisms, with its own story that surpasses all the individual stories and also worthy of record. This view indicates the use of oral history movement in present-past, before moving subjects and facts of its observers. The questions problems are: Given the tendency of the organizational history becomes increasingly writing, the use of orality is relevant in this context? What textual and contextual challenges that means? To answer this, we observed the Memory Project and History of the Catholic University of Brasília - UCB. The study identified difficulties and challenges inherent in the management of oral interviews and turning them into a source of history and can serve as a reference to other teams Organizational Memory and History.

**Keywords:** Organizational Memory and History. Oral History. Catholic University of Brasilia.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se abordar a escrita da história organizacional sob a vertente da oralidade, enfrentando os diversos dilemas que se geram quando a documentação escrita, fonte preferencial de historiadores, se confronta com a produção oral dos sujeitos históricos, às vezes para referendá-la, às vezes para contrariá-la ou complementá-la. Essa abordagem se torna especialmente importante a partir da concepção de que as organizações são organismos vivos, e por isso com uma história própria, digna de registro, memória e consulta, uma história que é mais que o conjunto das histórias dos indivíduos que ajudam a compô-la ao longo de sua trajetória.

Essa visão mais orgânica de uma instituição referenda também o uso da história como um registro síncrono do presente, o qual permite um acesso mais efetivo ao passado, à medida que o presente, pelo fluir natural do tempo, assume esse status. Portanto, em vez de olhares perquiridores em direção a um tempo há muito decorrido, existe um movimento denominado “presente-passado”, que busca captar o momento presente antes que se desloque de seus observadores e registradores.

Essa opção leva naturalmente ao uso da metodologia de historia oral, considerando que as pessoas que constroem essa história estão ainda presentes e os seus depoimentos complementam a veracidade dos fatos ou os rediscutem, além da

possibilidade de construir um conhecimento mais aprofundado dos objetos referenciados pelos sujeitos, pela agregação de diferentes pontos de vista.

Nesse sentido, as perguntas-problema às quais este texto busca responder são: Dada a tendência de que a história institucional se torne cada vez mais documental nas sociedades alfabéticas e informatizadas, o uso da oralidade na pesquisa de memória e história organizacional é pertinente? A adoção dessa metodologia traz que desafios textuais e contextuais para a produção de conhecimento histórico?

Para responder a esse questionamento, fez-se a observação da produção de memória e história da Universidade Católica de Brasília – UCB -, buscando identificar, junto a seus pesquisadores, os desafios textuais e contextuais dessa produção, considerando que a adoção da perspectiva presente-passado no registro da história institucional leva à convivência dos pesquisadores com os sujeitos e os fatos históricos e, conseqüentemente, a alguns dilemas éticos, estéticos e procedimentais, tais como: quando um sujeito histórico registra uma memória conflitante com a de outro, de que forma resguardar ambas as verdades sem comprometer a rotina de pesquisa e os relacionamentos? Quando a memória individual conflita com a documental, deve-se sobrepor o valor do documento escrito à oralidade? Como historiar isentamente os sujeitos e fatos com os quais se convive sincronamente? É mesmo necessário esperar o tempo transcorrer para trabalhá-lo enquanto instrumento de pesquisa e constatar a sua veracidade ou não? É só o passado que confere verdades ao acontecido? É necessário esperar o desaparecimento dos últimos sobreviventes, daqueles que poderiam testemunhar? É preciso esperar que os fenômenos estudados sejam fenômenos consumados?

Tomaram-se como referência os estudos de Febvre (1970), Thompson (1998), Heyneman (2006) e Rémond (1996) , relativos à metodologia de história oral e sua intenção de resguardar as memórias individuais como registros históricos, dando a elas a mesma importância do documento escrito, modo de registro cada vez mais predominante no contexto organizacional.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para que a produção de conhecimento a respeito de memória e história no contexto das organizações possa ser mais bem compreendida e estruturada, de modo que a cultura da preservação se constitua e dissemine mais e mais. Queremos ainda, nesta oportunidade, apresentar as dificuldades e desafios inerentes ao manejo das entrevistas orais e sua efetiva transformação em fonte histórica acessível a pesquisadores externos interessados, a gestores, aos estudantes e professores dos diferentes cursos da Universidade Católica de Brasília.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Nas sociedades pré-alfabéticas, as memórias pessoais constituíam o modo natural de armazenamento de informações, e a oralidade era o seu modo primordial de difusão. A partir da criação dos alfabetos e da disseminação do seu uso, a memória passou a ser externalizada e o registro escrito foi se tornando sempre mais importante, até mesmo ao ponto de se acreditar que, se não está escrito, é porque não existiu.

Mas, como a história é uma ciência que traz em si a responsabilidade de perpetuar os fatos que acontecem no cotidiano da vida, reconhece que as formas de preservação e transmissão desse saber têm sua guarda em “lugares de memória”, e que, embora cada vez mais isso tenha sido confiado a arquivos, museus, monumentos patrimoniais, instituições, salas de cultura, o primeiro deles é a própria mente dos sujeitos históricos, onde tudo ocorre de forma única e insubstituível, embora invisível. Festas, emblemas, comemorações, símbolos, eventos, coleções, por sua vez, no lado externo, revelam o tempo marcado pela passagem do homem na terra, realçando identidades que contribuem para *a cristalização da lembrança e sua transmissão*.

Todos esses lugares podem perpetuar os fatos, pois conservam a memória, guardam os silêncios dos vencidos e projetam as glórias dos vencedores. Dependendo do “mergulho” nas estantes e do olhar do pesquisador sobre os vestígios documentais, os silêncios vêm à tona e empurram o presente, muitas vezes provocando a possibilidade de novas visões.

Tomando isso como pressuposto, Lucien Febvre (1970), historiador francês, definiu a história como uma ciência do homem e do passado humano, das coisas e dos conceitos, cabendo ao historiador interpretar os feitos humanos, recompondo a realidade que serve ao entendimento de um momento concreto, a partir do que os documentos permitiram em dado contexto. O contexto histórico da Universidade Católica de Brasília, ora em pesquisa, tem essa perspectiva teórica: uma relação presente/passado e o uso da história oral como ferramenta de resgate dos sujeitos históricos.

Da oralidade à escrita, os caminhos de registros são desafiadores em razão da própria política institucional de preservação e também pela complexidade dos registros de depoimentos. O sujeito histórico, que pode ter dados importantes para contribuir numa pesquisa, precisa de cuidados específicos por causa das implicações psicológicas e culturais que envolvem cada ser. A história oral projeta a vida vivida no contexto da própria história, alargando seu campo de ação, pois aceita como sujeito histórico, como fonte, todos aqueles que parecem comuns e desconhecidos no cotidiano; propicia contatos entre classes sociais, setores, profissões, gerações e gênero:

Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história. (THOMPSON, 1992, p. 44)

Segundo a historiadora Cláudia Heynemann (2006, p. 98), os arquivos apresentam um *aspecto meio sagrado* porque o documento traz em si uma “atribuição de valor, uma narrativa histórica que o distingue e o inscreve entre os amuletos” que marcam a trajetória de uma entidade. Muito mais que a simples guarda documental, os espaços de memória mantêm vivas as peças que lá se encontram, trazendo para cada visitante uma possibilidade de criar para si uma imagem do contexto que assegurou os fatos e confirmou a contribuição pessoal. O espaço ainda tem a função de estimular a lembrança que sente a necessidade de comemorar e celebrar datas, homenagear sujeitos históricos, eventos, cerimônias e tudo que diz respeito à instituição. No caso da UCB, a responsabilidade dos espaços de memória é exatamente desenvolver a cultura histórica institucional que vem cumprindo seu papel educativo e formativo, ao longo de 40 anos da existência dessa organização no contexto de ensino superior em Brasília e 20 anos como universidade.

Em nosso cotidiano, a importância da memória para o ser humano é constante. Bachelard (1988) chega a registrar que, ao *rememorar, o ser humano reconstrói o próprio futuro, visitando as novas cores que a lembrança confere ao passado*. Dessa forma, lembrar é um movimento de vida, de refazimento individual e coletivo.

Cientificamente, um espaço para a Memória e História é o lugar onde o pesquisador, em sua “intenção de verdade”, trabalha sem esquecer o compromisso ético; um lugar onde se organizam os acervos, divulgando um patrimônio em diversas configurações: exposições, publicações, bases de dados, *sites*, páginas virtuais, eventos comemorativos, pesquisas factuais, cronologias etc.

É nesses “lugares” que as lembranças podem ser acessadas e elevadas à condição de fontes. Diante desse foco de organização e pesquisa, toda a Universidade tem recebido o desafio de abrir espaços para a guarda de seus documentos e os de outras entidades a ela relacionadas, pois se vê a importância da rede de narrativas que lhe complementam a identidade e realçam os desafios que se constituem molas propulsoras em toda atividade acadêmica, principalmente aquela que se dedica à garimpagem documental, no sentido da preservar memórias e escrever histórias.

Mais uma vez ressaltamos que a memória guarda as mais rudimentares marcas das experiências de vida e essas legitimam os fatos que a história registra. Da memória celular às memórias patrimoniais, tudo fala de um tempo que foi e que é marcado pelas atividades que constroem a historicidade humana.

Os fatos que compõem determinada realidade trazem em si os elementos de sua própria compreensão e cabe ao pesquisador, ao historiador, ao literato, deixar que venham à tona para servir de exemplo, ou não, às futuras formas de viver. Preservar memórias tem esse objetivo e buscar os lugares onde elas se encontram, especialmente por meio da história oral, dá prazer e satisfação íntima no sentir das emoções, vivenciadas pelos sujeitos das ações históricas, pois as entrevistas orais revelam saberes escondidos, adormecidos nas consciências individuais e coletivas; e o cuidado em preservar esse acervo imaterial é, sem dúvida, um grande desafio para o historiador.

## **O PROJETO MEMÓRIA E HISTÓRIA UCB**

A Universidade Católica de Brasília preocupa-se com essas questões relativas à preservação e à pesquisa de memória e história institucional e a reunião de documentos, centrada na coleta, organização arquivística e disponibilização do acervo documental ao público interessado tem resultado no processo de conscientização de toda a comunidade acadêmica que vem se empenhando na guarda documental. O texto do *Projeto de Pesquisa Memória e História UCB*, institucionalmente determinado, pensado como um repositório documental da história da Instituição de ensino, diz que

(...) escrever a história da UBEC/UCB é encontrar as marcas definidas no cotidiano e os momentos de ação dos sujeitos que, do plano do ideal, saíram em campo aberto para a concretização do real. É proceder à reconstrução da mentalidade acadêmica, inscrita nas mais diferentes expressões de linguagem falada, escrita e através de imagens significadas no áudio, vídeos, fotografias e demais recursos da tecnologia de comunicação. Há que se buscar na história, na tradição, nas características de cada instituição que integram a UBEC, a razão de ser de sua adesão a uma ideia, muito antes que se tornasse realidade (Projeto Memória e História da UCB, 2008, p. 4).

Esse Projeto, além de ser considerado pela instituição como projeto de interesse institucional, permanente, preferencial e estratégico, é baseado no acervo documental gerado pela própria UCB ao longo de sua história, e sua equipe tem uma percepção ampliada do que seja um documento histórico e também do uso das metodologias e técnicas advindas da história oral. Tem consciência da complexidade metodológica e técnica dessa prática, mas a confirma por fidelidade a todos que vêm construindo esta história.

Além do mais, a oralidade não compreende apenas a verbalização da fala do narrador, mas também a sua expressão corporal, visível quando relata as intenções, a

força das emoções e sentimentos no tom das palavras. Podemos reunir impressões que vão além da fala gravada, das imagens congeladas em fotografias e das escritas documentais. O contato do depoente com o pesquisador evidencia as expressões de vida integral das partes envolvidas, mostrando as paixões, as alegrias, os entusiasmos, as ansiedades, as expectativas, os medos, as relutâncias, os confrontos, as resistências e os silêncios. A história da UCB está repleta dessas emoções e sentimentos que acompanham os feitos das pessoas. Por isso o interesse dos estudiosos em escrever essa história que mostra a vida vivida desta Universidade, transcendendo as marcas do tempo e sustando os movimentos do tempo presente.

Criado em 2001, o trabalho de Memória e História da UCB nasceu como parte da implantação do Arquivo Central da Universidade, dividido em Arquivo Acadêmico, Arquivo Administrativo e Arquivo Permanente, esse último responsável pela guarda dos documentos históricos. Surgiu também como uma assessoria para a Secretaria Geral, ficando responsável pela organização e preservação dos documentos históricos, bem como pelo registro da memória oral das pessoas envolvidas que, ao longo dos anos, fizeram os fatos acontecerem. Uma galeria de fotos e outros símbolos tem sido um resultado mais imediato diante da indexação de um acervo de mais de 10.000 fotos reunidas, em processo de digitalização e que documentam a recuperação histórica.

No Projeto de Pesquisa Memória e História UCB tem-se a preocupação de não perder a história presente, exigindo dos pesquisadores uma “busca das memórias” com as pessoas “construtoras dos acontecimentos”, reforçando o valor daqueles que iniciaram todo o processo de organização, pois muitos deles ainda marcam sua presença na gestão da Universidade. Fazem parte da obra de construção da Católica de Brasília, do seu crescimento e que trabalham desde a manutenção e limpeza, passando pelas mesas administrativas, pelas salas de aulas com os professores e alunos, pelos gabinetes das diretorias e até à reitoria. São leigos e religiosos, professando a mesma fé ou não, em gerações mais ou menos próximas, com níveis de escolaridade que vão do “saber assinar o nome” ao “saber ler”, dos graduados aos mestres e doutores, todos se entrecruzando pelas passarelas que ligam as edificações dos *campi*. Esse é um universo marcado pelas diferenças sociais e econômicas, de gênero, de cultura e as suas falas, e seus depoimentos são também marcados pelas diferenças de linguagens, o que nos alertou quanto à metodologia a ser empregada no processo da transcrição e finalização textual. Vejamos, então, os desafios textuais e contextuais dessa produção.



## AS FONTES ORAIS E A HISTÓRIA

A história oral pode ser abordada em diferentes aspectos, dependendo das reflexões entre memória e história, dos conceitos e estilos de investigação. É isso que conduz o roteiro dos depoimentos orais, da organização do acervo das gravações dos depoentes, da inter-relação da história oral e história do presente, dos tipos de entrevistas, das formas das narrativas individuais, dos temas a partir dos quais a pesquisa vai se dar, dos objetivos traçados para a coleta de dados e de como as entrevistas serão captadas por determinado público.

Diante das próprias concepções de história como forma de conhecimento, a prática da história oral suscita questões sobre a metodologia, técnicas e escritas a serem aplicadas. Dizem-nos Janaína Amado e Marieta Ferreira (1998, p. xvii) que, no uso da história oral,

(...) o historiador encontrará encaminhamentos e soluções para esse tipo de questão na área da teoria (histórica, sociológica, psicanalítica etc.), já que esta tem a capacidade de pensar abstratamente questões oriundas da prática, filtradas pela metodologia, produzindo conceitos que, por sua abrangência, são aplicados a situações análogas, iluminando e transformando a compreensão da própria prática – no caso específico, do exercício da história oral. A interdependência entre prática, metodologia e teoria produz o conhecimento histórico (...).

No entanto, mais importante que as classificações é a seriedade teórica dos produtores de conhecimentos, que têm à sua frente um público que nele pode se inspirar e utilizar de seus trabalhos.

Os laços interligados das memórias dos diferentes sujeitos produzem, induzem e reforçam lembranças comuns; geram uma memória social onde os vários grupos, diferentes entre si, reforçam a consciência cultural de pertencimento e de criação de identidade. Revelar esses laços e esses grupos, bem como seus movimentos e rastros é parte da cultura que se quer reafirmar, o valor que a instituição possui e a resistência ao esquecimento. Isso é o que se quer delegar ao futuro (AMADO & FERREIRA, 1998).

O domínio da escrita – produção de textos e a habilidade para fazer sua interpretação - desde o seu surgimento desvalorizou as narrativas e a memória oral como forma de conhecimento histórico. Na prática, isso serviu para que uma parte das “elites” transformasse esse saber em uma forma de dominação social, o que hoje se mostra em desuso diante das manifestações sociais que realçam a politização em processo de ascensão; direitos e deveres estão sendo colocados em pauta, fazendo com que a política partidária governamental repense suas ações.



Por isso, retomar atualmente os testemunhos orais como fonte historiográfica é também redescobrir os sujeitos que foram aliados do poder, interromper seu isolamento social e resgatar a identidade dos grupos excluídos. Por meio das experiências das entrevistas pode-se ver que:

...as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1998, p. 26)

O contraponto entre histórias oficiais, das elites e suas instituições, com a história oral buscando contar a memória de todos, coloca os pesquisadores na disputa pela interpretação da História. A história oral inova quando dá atenção especial a pessoas que são consideradas excluídas da história – trabalhadores gerais, mulheres, idosos – à história do cotidiano, vida privada, à história local e institucional, além de possuir abordagens que priorizam uma história próxima e comum a qualquer pessoa, focando de diferentes maneiras as perspectivas da micro-história.

Importa realçar nesse cenário que há um interesse muito grande das pessoas que participaram da construção da Católica, ao longo do tempo, em fazer seus depoimentos. Gravar suas experiências como alunos, professores, diretores, gestores, dos serviços gerais, independente de que lugares ocupam é motivo de deferência e alegria. A relação presente/passado marca a opção por aqueles que se colocam à disposição para a entrevista, processo detalhado no *Volume 1 da Coleção Memória e História da UCB: Experiências e Narrativas Históricas*, publicado em 2010,<sup>3</sup> e que constitui um marco da comunicação institucional da equipe de pesquisa com seu público.

Os trabalhos com memórias orais atualmente em curso na UCB funcionam a partir do conjunto documental em processo de organização no arquivo histórico e, nesse sentido, procura-se resgatar toda e qualquer forma de organização que sirva a esse propósito. Um dos objetivos específicos do Projeto é a utilização, mais ampla possível, da construção de evidências orais, mantidas em seu formato oral e textual e mostrar como essas evidências, sua conservação, textualização, transcrição e

---

<sup>3</sup> - Imbuída do propósito de se reinventar para contribuir positivamente para as mudanças socioculturais na realidade em que vivemos, a Universidade Católica de Brasília vem incentivando a preservação da Memória e a escrita da História da Instituição num processo participativo e de ampla discussão na confrontação das ideias e percepções. A obra referenciada é o primeiro livro que trata da Memória e História Institucional da Universidade Católica de Brasília – e parte de uma Coleção – *Memória e História em Construção: Experiências e Narrativas Históricas da UBEC/UC*, cujo início de publicação ocorreu em 2010.

disponibilização das fontes históricas podem chegar ao pesquisador. É evidente que existem inúmeros desafios na construção sistemática de testemunhos orais e seu uso como fonte historiográfica, mas é exatamente isso o que constitui a razão científica da história que não se contenta em permanecer oculta nas ações, mas desvendada ao presente que elabora a síntese do passado/presente. Nessa perspectiva, a dialética é a teoria que mostra a dinâmica da vida.

## **O PROJETO MEMÓRIA E HISTÓRIA E AS EVIDÊNCIAS ORAIS DA UCB**

A partir dos primeiros contatos feitos para se escrever a história da UCB – final do ano de 2000 - uma questão, de imediato, se apresentou. Se a pesquisa da história da Universidade ficasse presa aos anos de 1970, como ficaria a história dos acontecimentos presentes? Quase trinta anos já haviam se passado e o que estava escrito eram apenas pequenos resumos factuais para atender às necessidades documentais do Governo Federal. Uma monografia também havia sido feita e a base de seu conteúdo haviam sido depoimentos orais de algumas lideranças religiosas dos Colégios católicos que fizeram parte das primeiras reuniões/assembleias organizadoras da União Brasileira de Educação e Cultura – UBEC, mantenedora da UCB. Era evidente a presença diária da maioria dos personagens de um passado não muito distante, e uma história a ser escrita não deveria sê-lo apenas com os dados documentais, dispersos em depósitos.

De imediato, encontrar e entrevistar pessoas ocupando todos os setores da Universidade foi a estratégia metodológica que se buscou, para tomar conhecimento dos caminhos que já haviam sido percorridos e em que circunstâncias os fatos se deram. Professores, gestores, administrativos e alunos foram contatados para que os depoimentos pudessem ser realizados, encontrando neles as principais fontes das informações documentais. Do presente para o passado, a retrospectiva dos eventos foi vindo à tona e os anos de 1972 a 1974 marcaram a história da organização da Mantenedora e da primeira Faculdade.

A utilização da história oral como primeiro passo para o início das pesquisas foi determinante, até mesmo *na e/ou para* a localização das demais fontes, uma das exigências dessa metodologia. Os arquivos escritos não possuem exclusividade sobre o objeto de pesquisa, já que se recorre a outras fontes – pessoas, depoimentos, imagens, periódicos, obras de arte – os quais, devidamente tratados, se transformam em documentos fiéis do momento presente.

Levando-se em conta que a história não pertence a apenas alguns, mas a todos os cidadãos, a história presente é também um alvo do historiador:

É um bem comum, cada um tem direitos sobre a sua história e nós, historiadores, devemos representá-la na sociedade, sem dela nos apropriarmos. O historiador do tempo presente sabe o quanto sua objetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los. A responsabilidade pela subjetividade está no princípio ético e nas teorias, técnicas, metodologias e meios diversos que o pesquisador usa na ciência que faz para demonstrar um fenômeno (RÉMOND, 1996, p. 208).

Apesar de extremamente desafiadora, por pedir do pesquisador um grau de isenção nem sempre possível quanto ao exame dos sujeitos e objetos, (AMORIM, 2001), a prática da “história do tempo presente” possibilita ao historiador uma pesquisa que não é uma busca de almas mortas, mas um encontro com seres de “carne e osso”, contemporâneos daqueles que lhes narram as vidas. Os recursos documentais parecem inesgotáveis, embora sejam claros os obstáculos que se pode encontrar em razão de uma documentação ainda não disponível, às vezes fazendo parte do arquivo corrente, de arquivos particulares “proibidos”, sem falar na própria quantidade da produção escrita, sonora, visual e informatizada desorganizada. Dessa forma, o historiador contemporâneo da história contemporânea enfrenta reais dificuldades para confirmar seu objeto de pesquisa. Em compensação, há possibilidade de produzir seu próprio arquivo, sempre em renovação, por causa da dinamicidade dos acontecimentos e das mudanças.

Ao fazer a “história do tempo presente” retoma-se, também, o estudo das experiências passadas, incorporadas ao presente das sociedades e, portanto, nas organizações sociais das classes, dos grupos, das comunidades e das pessoas que as constituem. Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza, uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as emoções que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história, por si mesma, não pode terminar<sup>4</sup>. Eis porque devemos afirmar em alto e bom som – que a história não tem fim, mesmo que haja uma catástrofe cósmica. O que faz a grandeza da história, o que a impede de ser um mero objeto de conhecimento, é que ela é a expectativa de uma resposta: expectativa ora confiante, ora ansiosa de uma resposta à questão que surge a cada época e que

---

<sup>4</sup> Em seu livro “O fim da história e o último homem”, lançado em 1992, o norte-americano Francis Fukuyama tenta revigorar a tese de que o capitalismo e a democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade, ou seja, no final do século XX, teríamos atingido o ponto culminante da evolução, triunfando a democracia liberal ocidental sobre todos os demais sistemas e ideologias, restando apenas, como alternativas a elas, resíduos de nacionalismos e o fundamentalismo islâmico, ambos sem possibilidade de significarem um projeto coletivo para a humanidade. Desse modo, Fukuyama via nessa época o “fim da história” da humanidade, por não haver mais como evoluir a partir desse ponto.

persegue cada geração – Como situarmo-nos em nosso futuro? Como determinar nosso lugar em relação ao nosso presente? Se os sujeitos do presente podem ser aqueles que abrem os olhos para participar da realidade histórica, então quanto mais compreendermos o que ela é, mais temos necessidade de procurá-la. Haverá ambição e missão mais bela para o historiador do tempo presente?

Na UCB, a documentação primária consultada pela equipe de Memória e História realça os nomes dos sujeitos que foram e estão sendo responsáveis pela construção da Universidade. A presença do passado no presente imediato das pessoas é o objeto da história oral e seus depoimentos legitimam toda a estrutura da Graduação, da Pós-Graduação, da Extensão e da Administração da Católica de Brasília. Esse é um trabalho que exige método e técnicas específicas, pois cada entrevista, cada depoimento tem valor em si e valor de conjunto, promovendo uma interpretação clara de que todos, cidadãos comuns, fazem parte de um mesmo processo.

Sabe-se muito bem que a história oral tem comprometimentos éticos e exige retorno ao depoente, sempre que houver uma entrevista a ser utilizada como fonte de informação em determinada pesquisa que será, posteriormente, de domínio público. Esse tem sido o compromisso assumido com todas as pessoas que já fazem parte do acervo oral da Memória e História UCB. É um trabalho exaustivo, demorado e de extrema responsabilidade, envolvendo, no mínimo, uma dupla de pesquisadores que atuam na elaboração das questões a serem realçadas junto ao entrevistado, no trabalho da transcrição, na revisão do texto transcrito e digitado, na seleção dos temas a serem incluídos no corpus documental e no retorno ao depoente para sua validação.

## **A TRANSCRIÇÃO – REGISTRO DO PRESENTE PARA O FUTURO**

Segundo Neves (2009), a metodologia da história oral integra-se ao conjunto de esforços do homem produtor de conhecimentos para registrar, através de narrativas, as versões de diferentes sujeitos históricos sobre suas experiências de vida e sobre sua integração no processo constitutivo da História. Na verdade, ao se gravar um depoimento de história de vida ou mesmo uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, se inscrevendo no processo de registro do passado e de produção de documentos sobre o mesmo.

Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou, o historiador e demais profissionais vinculados a programas de história oral fazem dos testemunhos recolhidos, fontes de imortalidade – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos, que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência.

Este trabalho vem sendo realizado no Projeto Memória e História da UCB com total vigilância, pois os depoentes até agora entrevistados, na sua maioria, são intelectuais que ficam atentos à qualidade de suas falas, de suas informações e dos resultados, pois se deram conta de que suas informações se tornaram documentos primários. Por isso, são observadas algumas especificidades:

- Elaborar de questões temáticas para conduzir a entrevista, mas sem deixar que a conversa fique tão formal e interfira na espontaneidade do entrevistado. São perguntas elaboradas a partir de pesquisas documentais e de acordo com expectativas dos pesquisadores a respeito de memórias e conteúdos específicos da pessoa.

- Traduzir o documento oral para um documento escrito como base do trabalho a ser utilizado como forma documental que dê suporte mais ágil a pesquisadores em geral.

- Preparar o resultado desse primeiro procedimento, que resulta, sempre, num “material bruto” e extenso que corresponde a laudas digitadas do conteúdo das fitas das entrevistas. Se a gravação transcorre com os devidos cuidados, se a fala aparece com clareza, sendo possível, então, entender todas as palavras proferidas pelos entrevistados e entrevistadores, acontecem transcrições mais fáceis e mais rápidas. Quando, ao contrário, apareceram dificuldades nas gravações em razão das próprias características dos depoentes, mais cuidados e demoras surgem no processo. Uma primeira revisão é feita pelo próprio transcritor e, em seguida, o historiador responsável procede à sua revisão, observando a fidedignidade do texto transcrito. Em um terceiro momento, o mesmo historiador faz uma adequação da linguagem falada para a linguagem escrita, cuidando para que a ideia do depoente não seja deturpada. Dessa revisão passa-se à revisão de um professor de língua portuguesa para que se observem possíveis falhas de redação, ortografia e linguagem.

- Retornar ao depoente e entregar-lhe o resultado final da transcrição para que ele observe o documento, faça seus reparos e comentários e libere seu uso como documento primário, assinando o termo de consentimento.

- Canalizar todos os esforços para que a qualidade da transcrição implique na fidedignidade ao que foi gravado.

Lidar com as memórias pessoais para reconstruir processos históricos é uma possibilidade quase inesgotável, pois o mistério da mente humana revela arquivos, às vezes não imagináveis e isso assusta, porque supõe um comprometimento direto com a realidade e muitos sujeitos históricos, vencidos ou vencedores, sabem da repercussão social que suas palavras poderão produzir. É também por isso que Neves (2009) diz que lidar com a memória é caminhar por um terreno fértil, mas escorregadio, pois exige que o pesquisador seja criativo; tenha sensibilidade para perceber as condições

psicológicas do depoente; que seja ético no sentido do respeito às condições da pessoa; que tenha um conhecimento histórico do fato capaz de lhe sustentar as questões previamente organizadas e também de incluir outras indagações pertinentes no momento da entrevista.

Assim, os desafios no âmbito da oralidade são grandes e relativos à área do saber em que está sendo praticado. O processo da coleta de informações, a linguagem a ser estabelecida, a maneira de lidar com os grupos de pessoas, a forma de transcrever as falas, a transformação em linguagem escrita, tudo vai estar relacionado à cultura e ao tema que se está pesquisando:

Crete da concepção de que a História é uma área de fronteiras, através das quais circulam informações, conceitos, teorias, a história oral tem sido pródiga na utilização de recursos pluridisciplinares. E ao adotar esse procedimento tem trazido contribuições enormes para que a memória se torne uma fonte inesgotável de informações para a própria História e vice versa. (NEVES, 2009)

## **ENTREVISTA ORAL E SUA *TRANSCRIÇÃO*: UMA ESCOLHA EM TORNO DA MEMÓRIA**

Grande parte dos depoimentos orais encontra-se, ainda, em mais de sessenta *fitas cassete*. Desde as primeiras entrevistas sempre existiu a preocupação em assegurar duas cópias, sendo uma delas de reserva, para uso restrito. Em menos de dez anos esse suporte (fita cassete) tornou-se obsoleto e praticamente não é mais utilizado. O surgimento de uma nova geração de gravadores (os MP3, 4,5, Ipods etc.) e da possibilidade de transcrição direta da voz para programas no computador possibilitou um salto de qualidade no trabalho com evidências orais. Algumas delas foram transcritas e passaram por um processo que culminou em sua *transcrição*. Bom Meihy (1996), nesse sentido, faz algumas distinções no que tange às transcrições:

Transcrição absoluta: passagem completa, com todos os detalhes sonoros, da entrevista gravada para a escrita. Transcrição literal: passagem de todas as palavras de uma entrevista para a escrita. Textualização: entrevista trabalhada, integrando as perguntas, estabelecendo a lista das palavras importantes e das expressões básicas das histórias. É nesta fase que é escolhido o tom vital. Transcrição: entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, as frases completas, tudo deve estar estabelecido nesta etapa. (BOM MEIHY, 1996, p. 194).

A escolha pela textualização, ou seja, pela transposição da linguagem oral para a escrita, apesar de não interferir no material primário (o áudio gravado), efetivamente introduz grandes mudanças no 'novo texto'. Permanecem disponibilizáveis aos pesquisadores as fitas originais, ainda que os depoentes, diante da transcrição, tenham introduzido significativas modificações em sua fala.

No processo de transcrição são gastas muitas horas, tanto de estagiário-bolsistas quanto dos professores envolvidos. Uma hora de gravação quase sempre resulta em mais de 20 horas de trabalho para que possa de fato tornar-se um texto escrito acessível ao pesquisador. Realçam-se agora alguns aspectos ou ocorrências vivenciadas nesse processo, quando as transcrições foram sendo realizadas e quando do reenvio para o depoente:

1. *Supressão de frases inteiras por parte do depoente* - o depoimento foi transcrito, e, dentro do possível, foram retirados os ruídos de comunicação (pausas, repetições, frases incompletas ou sem sentido). O texto nesta fase de transcrição foi enviado ao depoente e ele avaliou que seria melhor reduzir o tom crítico de algumas de suas falas, bem como a menção direta a alguns nomes de pessoas proeminentes. Aconteceu então uma reescrita da fala gravada.
2. *Inclusão de informações*: ao receber a transcrição, o depoente percebeu que deixara de mencionar aspectos relevantes que pudessem contextualizar melhor sua fala, bem como aprofundou a contundência de algumas de suas falas. Veio o que Meihy chama de *transcrição* de seu depoimento, algo mais rico e detalhado do que na entrevista original.
3. *Equívocos por parte do depoente quanto a nomes, eventos e datas*: ocorreram principalmente no que diz respeito a nomes e datas. Não é incomum, também, que atribuam determinada decisão ou ação pessoal a um acontecimento e, nesse caso, já existem registros em outras fontes que contradizem suas afirmações. Quando essa situação é percebida ainda no decorrer da entrevista, os pesquisadores buscam indicar a



diferença, resultando em revisão da opinião inicial. Se a situação ficou percebida no processo de transcrição, anexaram-se observações, ficando a critério do depoente considerá-las ou não em sua fala.

4. *Dificuldades numa entrevista coletiva com nomes e expressões linguísticas estrangeiras, com o tom da voz e a fala alterados por causa de problemas físicos.* A devolução da transcrição ao depoente tem sido o caminho habitual para sanar essas dificuldades e dar um sentido mais completo ao texto. Observamos sempre que o depoente ao retomar suas colocações ele faz mudanças e numa das vezes o sujeito histórico disse que o “pesquisador entendeu tudo errado” porque ele não havia dito nada daquilo. Uma das mudanças mais perceptíveis é a supressão de pausas, repetições e mesmo frases desconexas (por sua incompletude ou simplesmente porque não concatenam ideias).

Mas, reforçamos que há uma preocupação em escrever a história da UCB a partir do que temos denominado de - os Arquivos Vivos. As palavras dos que foram os atores dessa história, obtidas por meio da entrevista oral e sua transcrição privilegiam pessoas ligadas aos diferentes setores e momentos da Instituição, e o processamento dos dados recolhidos nessas entrevistas cumpre um ritual de passagem entre a oralidade e a narrativa, ou seja, a passagem do depoimento de forma oral para o documento escrito, incluindo, aí, as etapas de gravação, transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, leitura final, digitação e revisões.

Os depoimentos gravados são patrimônios documentais que exigem muita atenção e procedimentos específicos, começando mesmo pela organização de um possível laboratório onde a tecnologia e o conhecimento técnico complementa a presença dos sujeitos envolvidos em todo o processo: pesquisadores, depoentes (entrevistados), transcritores (auxiliares técnicos), arquivista. O silêncio no ambiente é fundamental para que os trabalhos de escuta sejam fiéis às falas dos depoentes; o sigilo é a postura ética de todas as pessoas envolvidas; a paciência e o empenho são questões disciplinares para o rendimento das tarefas pré-determinadas, bem como a forma de preparar, marcar e conduzir a entrevista, como pessoas em duplas com o caderno de campo para anotações de algumas dificuldades de linguagem, evitar falas simultâneas e anotar palavras ou frases pronunciadas com pouca clareza.

Como as etapas do trabalho foram sempre bem cuidadas e obedecendo à qualidade de produção, todo o processo foi se beneficiando ao longo da existência do Projeto Memória e História. Se as diversas etapas do processamento são realizadas, sucessivamente, de modo que a qualidade de cada uma delas influa na realização das

posteriores, o resultado será externamente produtivo. Quanto melhor a transcrição de um depoimento, mais fáceis e ágeis serão as tarefas posteriores e é por essa razão que se tomou muito cuidado na escolha das pessoas que pudessem colaborar tecnicamente nas transcrições, assegurando que tivessem um bom domínio de linguagem e digitação.

## **DESAFIOS NO ÂMBITO DOS TRABALHOS COM A ORALIDADE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

*Memória e História em Construção – depoimentos que fazem a história da UCB* é um tema que o trabalho de escrever a história da UCB tomou por base. Nem sempre os documentos respondem às questões que todos querem saber. A história da UCB é uma construção diária e dinâmica, resultado do encontro de pessoas que compartilham suas experiências relativas ao processo educacional, permeado também por questões administrativas, financeiras, culturais. Trabalhar com público diversificado, que busca conhecimento para incluir-se no processo de adaptação às diferentes realidades que se apresentam cotidianamente – e com alta velocidade – constitui a essência das atividades desenvolvidas pela Universidade Católica de Brasília. Para que essa essência se materialize, é necessário reunir competências e trabalhá-las em prol de uma comunidade da qual a Instituição faz parte e com a qual pretende repartir os resultados das ciências por ela reunidas.

A história da UCB está sendo, pois, escrita a partir das mentalidades que permeiam as edificações, as determinações acadêmicas, as relações interpessoais que sustentam a estrutura dessa Cidade Universitária. E quem são os sujeitos responsáveis pelos ideais que justificam a missão, que definem a visão de futuro e delinham os princípios, a partir dos quais os corpos docente, discente e administrativo-financeiro se integram?

Essa é a questão que mobiliza a equipe de pesquisadores de memória e história da UCB, e, para respondê-la, busca-se a relação entre documento, memória, pesquisa escrita e oralidade como uma tendência teórica desse trabalho, possibilitando, assim, uma nova maneira de ver a História e a Memória institucionais. Uma relação dialógica entre pesquisadores e sujeitos históricos através de entrevistas, gravações e transcrições que evidenciam o presente retém o processo vivo das falas e identifica os seres sociais criadores de realidades. Isso possibilita perceber um encontro de valores, de experiências, de significados e da própria história da UCB.

Busca-se ainda reconstruir essa rede de convivências na qual as diferenças e as semelhanças permitem a constituição histórica dessa Universidade. É pela vontade e ação próprias das pessoas que, de 1972 a 2013, se empreenderam relações, traçaram-se caminhos, definiram-se objetivos e executaram-se modelos de ensino e pesquisa. Foram elas – com vontade e ação – que garantiram à Instituição a educação, a pesquisa e os programas de extensão cujos resultados dos são levados à Comunidade.

Entretanto, muitos são os desafios, as dificuldades e quase, mesmo, os impedimentos, e é importante que realcemos alguns deles:

1. *Mudança tecnológica e poucos recursos institucionais*: Grande parte dos relatos/entrevistas orais recolhidos pelo Projeto está em fita cassete e não passaram ainda por processos de transcrição, especialmente porque a equipe não dispõe ainda de tecnologia adequada para essa tarefa, e por funcionar com um reduzido quadro de colaboradores.
2. *História da sua vida e a vida da instituição*: Boa parte dos depoimentos recolhidos reflete a presença e a participação do depoente em acontecimentos institucionais. Os relatos de história de vida muitas vezes tocam de perto a estrutura e a gestão da universidade (pró-reitorias, cursos, administração, mantenedora etc.). Em ambos, o narrador convive com as pessoas que mencionou em seu relato e sua fala pode ter consequências diretas sobre as instituições em que atuou ou continua sendo uma referência significativa. É preciso assegurar que o depoimento/retrato coletado carregue a verdade com a qual o depoente convive e aceita, mas, ao mesmo tempo, isso precisa estar de alguma forma balizado com o que já se conhece por outras fontes e/ou outros relatos. A evidência oral produzida é de divulgação instantânea em sua forma de áudio, e sua transcrição e transcrição demoram um pouco mais a serem divulgadas. Entretanto, isso é muito mais rápido do que o que acontece com documentação escrita de caráter sigiloso, a qual, muitas vezes, só pode ser divulgada anos depois da morte das pessoas envolvidas.
3. *Desafio na relação entre presente e passado nas instituições*: Pode-se desenvolver uma leitura mais positiva ou negativa dos sujeitos e fatos envolvidos nas grandes decisões da instituição.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Projeto Memória e História da UCB consolidou seu espaço institucional, tendo ampla participação nas Semanas Universitárias e Acadêmicas, na divulgação da história da UCB no site [www.ucb.br](http://www.ucb.br), bem como na série de publicações que já

organizou e entregou à comunidade acadêmica, por meio da Coleção Memória e História, que contempla diferentes editorias, desde os volumes científicos aos comemorativos.

Memória e história são constitutivas da tradição, da identidade pessoal e coletiva à qual nos vinculamos. Manter viva a possibilidade de revisitar o passado e nele encontrar suporte para dar passos significativos no presente tem sido um dos grandes serviços prestados pelo projeto à comunidade interna e aos sujeitos históricos que ajudaram a constituir a organização Universidade Católica de Brasília. Mas é no cuidado com as fontes originais e na elaboração de novas fontes históricas que se destaca o esforço em torno da história oral em curso.

Mais do que simplesmente reproduzir o que foi obtido numa entrevista, a *transcrição*, procedimento adotado pela equipe, vem se revelando como um olhar complexo, pois reflete, por um lado, a subjetividade do depoente e, ao mesmo tempo, por outro lado, ilumina situações e realidades que muitas vezes estavam ‘frias’ em outras fontes documentais.

De certa forma, a *transcrição*, longe de ser apenas uma técnica de trabalho a partir de um depoimento oral, é também um procedimento cotidiano de contato e entendimento de um ser humano para outro, pois toda escuta carrega consigo uma interpretação do que se ouve e uma fusão disso com as vivências daquele que ouve. Para a equipe de cinco professores pesquisadores e três apoios (dois funcionários administrativos de um bolsista de iniciação científica), é possível resguardar as diferentes visões de realidade captadas nos depoimentos, cotejando-as com a documentação escrita e outras fontes para definir o que mais se aproxima de uma visão comum.

A história oral entra nesse contexto como uma fonte complementar às demais, sendo seus arquivos consultados com o mesmo status dos documentos escritos, dialogando com eles num processo dialético. Também é consenso da equipe que o registro presente-passado facilita o resgate de verdades históricas que só se manifestam no momento mais próximo à vivência do fato. As demais verdades que se manifestam após o decorrer do tempo não são mais exatamente as mesmas, mas, por assim dizer, recriações da memória, o que, se traz novos coloridos e novas reflexões, pode também significar um afastamento dos fatos originais.

E como a instituição universidade surgiu de uma combinação de escrita, fala e audição (os alunos eram, antes de tudo, ouvintes de seus mestres, e leitores), espera-se contribuir para que esses registros orais, prisioneiros do indivíduo e de sua contemporaneidade, se convertam em memórias razoavelmente estáveis e acessíveis, permitindo que a trajetória da história da instituição em que ocorrem e se inserem seja

de alguma forma resguardada, fazendo com que passado e presente se interpenetrem e fundam, construindo para ela (a UCB) e para todos os sujeitos históricos que a compuseram, compõem e comporão, novos futuros.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

AMORIM, Marília. O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo, Musa Editora: 2001.

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 2ª ed. São Paulo. Loyola. 1996.

FEBVRE, Lucien. **Combates por la historia**. Barcelona: Ediciones Ariel, 1970.

HEYNEMANN, Cláudia. *Os arquivos e a história*. In: **Revista Nossa História**. São Paulo, Ed. Vera Cruz, Ano 03, nº 30, abr. 2006, p.98.

MAGALHÃES, Maria Carmem Côrtes. Projeto História e Memória da UCB. Reavaliação e Complementação da Metodologia e Etapas de Pesquisa. Brasília, 25/04/2002.

\_\_\_\_\_ Maria Carmem Côrtes. **Memória e História da UCB: experiências e narrativas históricas**. Organizadores: Maria Carmem C. Magalhães, Sheila da Costa Oliveira, Itacir João Piasson, Brasília: Universa, 2010.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória e História: desafios da pesquisa interdisciplinar na produção do documento oral. *Tramas da memória e da história: interdisciplinaridade e história oral*. <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/ME02.htm>. Acesso em 12/08/2009.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 1. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral**. 2 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1998.

UBEC/UCB – Memória e História: Experiências e Narrativas Históricas, Brasília, 2008.